



# Jornal Psicologia em Foco<sup>®</sup>

ISSN 2178-9096 | MARINGÁ | SETEMBRO/OUTUBRO DE 2013 | Nº 17 | [www.grupopsicologiaemfoco.com.br](http://www.grupopsicologiaemfoco.com.br)

## ENTREVISTA

JPF entrevistou a psicóloga organizacional e do trabalho, Sylvia Mara, docente da UEM **PAG 04**

## PSICOLOGIA EM DEBATE

Saiba se a brincadeira interfere no desenvolvimento da criança **PAG 05**

O valor da ilusão na teoria de Winnicott **PAG 06**

A hipótese de pré-consciente de Ernst Bloch **PAG 06**

Saiba mais sobre a vigorexia **PAG 07**

## RODA DE PSICANÁLISE



Pode-se falar em crise da Psicanálise? **PAG 08**

**Oficina do Saber** 2013

Segunda **28/10** auditório da PUC

**A filosofia da existência de Sartre e suas contribuições à Psicologia** com Sylvia Mara

realização: Grupo Psicologia em Foco

apoiado por: JPF Psicologia em Foco

19h30 - Inscrições  
20h - 21:30h - Palestra

INSCRIÇÕES POR TELEFONE OU PELO SITE  
[WWW.GRUPOPSICOLOGIAEMFOCO.COM.BR](http://WWW.GRUPOPSICOLOGIAEMFOCO.COM.BR)

\*Av. Prudente de Moraes, 633 - Zona 07 - Maringá - PR

CONVITES  
MAYSA REIS - 9976 0490 (UEM)  
RAFAELLA BERTIPALHA - 9967 7790 (CESUMAR)  
RENATA BORIN - 9840 7636 (UNINGÁ)  
VINICIUS ROMAGNOLLI - 9985 9839 (PROFISSIONAIS)

INVESTIMENTO  
ANTECIPADO - R\$ 20,00 (ESTUDANTES)  
R\$ 30,00 (PROFISSIONAIS)

NA DATA DO EVENTO - R\$ 30,00 (ESTUDANTES)  
R\$ 40,00 (PROFISSIONAIS)

**CONVITES LIMITADOS**

## VOCÊ SABIA

■ 'Psicoterapia: Porque? ou para que? e o que é?' **PAG 09**

## CONEXÕES

■ Comunicação: arte ou habilidade? **PAG 10**

## PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL

Discursando sobre os sonhos **PAG 11**

## DICA DE FILME



**PÃO E TULIPA** **PAG 14**

## DICA DE LEITURA

Sugestões da Profª. Roselania Francisconi Borges **PAG 14**

## AGENDA

Agenda Cultural traz os melhores eventos de Maringá **PAGS 15 e 16**

**HORÁRIOS SEMI FLEXÍVEIS**

**CURSO COM DURAÇÃO DE 18 MESES**

**ÊNFASE EM CONVERSACÃO**

**Desconto de 45%**  
na apresentação deste anúncio.



**Maringá - Av. Tiradentes nº 1185 - Fone: |44| 2101-7850**

## EXPEDIENTE


**Jornal**  
**Psicologia em Foco®**

Coordenador do Projeto:

**Vinícius Romagnolli R. Gomes** | CRP 08/16521

Diretor Financeiro:

**Álvaro Romagnolli R. Gomes**

Diretor Comercial &amp; Marketing:

**Oliver Cury**
**Redação:** Camila Cortellete; Eduardo Chierito;  
 Luiz Antonio Trentinalha; Mayara Coutinho;  
 Raquel Abeche; Rodrigo Corrêa; Roseane Prac.

**Revisão:** Ariana Krause; Giovanna Bertoni;  
 Jessica Demiti.

**Divulgação:** Camila Cortellete; Maysa Reis;  
 Patrícia Martins; Rafaella Bertipalha; Amanda  
 Tupinã; Marcella Bellini; Paulo Henrique Rigon e  
 Maria Renata Borin

Impressão:

**GRAFINORTE - APUCARANA**

Arte &amp; Diagramação:

**EMPÓRIO PUBLICIDADES**

Eliezer Saragô Marques (43) 3424 3622

Tiragem: 3000 exemplares

 Quer publicar seu artigo com a possibilidade de  
 ampliação de seu currículo, e realizar a divulga-  
 ção de sua clínica, empresa ou evento?
**ENTRE EM CONTATO CONOSCO!**

Divulgue seu artigo, clínica, empresa ou evento.

contato@grupopsicologiaemfoco.com.br

www.grupopsicologiaemfoco.com.br

| 44 | 9985-9839 - Vinícius Romagnolli

| 44 | 9874-5577 - Oliver Cury



Grupo Psicologia em Foco

**EDITORIAL****VINÍCIUS ROMAGNOLLI R. GOMES** é psicólogo (CRP 08/16521) e coordenador do Jornal Psicologia em Foco.**SINAIS DO NOSSO TEMPO**

Caro leitor,

Toda semana me deparo com inúmeras revistas e jornais, quer seja em casa, no sebo, na livraria ou na sala de espera do dentista, eles estão por toda parte! Sem falar na caixa de entrada que nunca está vazia e na internet que nos bombardeia com mais e mais informações, mas a questão que fica é: quanto desse conteúdo nós aproveitamos de fato? Quanto nisso tudo agrega algum tipo de conhecimento?

Certamente não nos falta informação nos dias de hoje, no entanto, parece nos faltar tempo para metabolizar tanta coisa e transformar essas matérias e reportagens em conhecimento. E por falar em tempo, se queremos otimizá-lo devemos necessariamente ser seletivos com relação a enorme quantidade de informação que recebemos todos os dias. Seria impossível conseguirmos absorver tudo que nos é passado diariamente (ufa!) até porque muito do que nos é passado hoje nessas mídias não nos acrescenta nada. Matérias do tipo “biscoito prejudica barriga tanquinho” parecem ter mais destaque do que assuntos sérios e que precisam ser debatidos como política e economia.

“Alimentar o cérebro” definitivamente parece não estar na moda. Um sintoma emblemático disso foi a recente extinção da

revista “Bravo”, voltada para cultura; o ex-editor Armando Antenore alegou que a revista não dava lucro, pois tinha poucos anúncios. Na contramão desse processo acompanhamos o crescimento desmedido de revistas de “saúde”, fofoca e comerciais, nas quais as matérias de conteúdo ficam cada vez mais relegadas a um segundo plano, afinal, o que importa é a propaganda, a “alma do negócio”.

Desde a sua fundação o Jornal Psicologia em Foco enfrentou um dilema, queríamos (e ainda queremos) ter um conteúdo de qualidade acima de tudo, bem como um material agradável visualmente, mas como fazê-lo sem patrocinadores que apoiem essa iniciativa? A saída que encontramos foi abrir espaço para anúncios, mas respeitando sempre nosso maior foco que é o conteúdo. Creio que estamos sendo bem sucedidos nesse intento, graças ao apoio de parceiros (e não simplesmente anunciantes) e de vocês leitores que comungam dos nossos valores. Fomos muitas vezes chamados de idealistas por tal iniciativa (de um modo um tanto quanto desconfiado na maioria delas) e no início confesso que isso nos chateava, mas pensando melhor num mundo tão carente de projetos como o nosso, creio que devemos encarar isso como um elogio. Que possamos continuar “alimentando” nossas ideias e ideais a cada edição. Uma boa leitura!

**QUEM SOMOS NÓS****Oliver Cury** | Diretor Comercial & Marketing

O Jornal Psicologia em Foco (ISSN 2178-9096) surgiu no ano de 2010, nesta edição o Grupo Psicologia em Foco comemora seus três anos de vida, o projeto tem como proposta viabilizar um espaço para a produção científica de acadêmicos e profissionais da Psicologia, bem como para promoção e divulgação dos importantes acontecimentos e eventos relacionados à Psicologia, tais como palestras, cursos, debates, grupos de estudos, entre outros. Atualmente o Jornal Psicologia em Foco tem uma tiragem de 3000 exemplares e periodicidade bimestral. Além do material impresso, o conteúdo do Jornal tem uma versão eletrônica em nosso site, [www.grupopsicologiaemfoco.com.br](http://www.grupopsicologiaemfoco.com.br) e possui acesso a artigos referentes às edições anteriores do Jornal.

■ **Nossa Missão:**

PROMOVER A TROCA DE SABERES EM UM ESPAÇO INOVADOR

■ **Nossos Valores:**

Comprometimento, Brilho nos Olhos, Espírito de Equipe, Qualidade, Pró-Atividade e Foco no Cliente.

**CARTA DO LEITOR**

*Venho parabenizar todos que realizam de forma brilhante as edições do JPF. A diversidade e atualidade dos temas abordados são maravilhosos, sempre mantendo o foco do jornal: o olhar da psicologia sobre os acontecimentos. As sugestões de livros e filmes são sempre interessantes e bem embasadas, assim como as matérias que possuem um texto com linguagem bem clara e dinâmica.*

*As ideias expressas pelo jornal não só são bastante atuais em prol de pensamento crítico, como também trazem grande contribuição a diversos debates em que é possível notar a presença da psicologia.*

*Noto a abertura do jornal ao expor trabalhos e pensamentos de novos e futuros profissionais da área, mesclando a profissionais já consolidados, o que é muito importante.*

*Tenho certeza que o trabalho realizado tanto pela equipe editorial quanto nos eventos promovidos pelo JPF são inspiradores.*

Ana Caroline Siqueira Martins é professora do curso de Moda da UEM, campus de Cianorte.

**BEATRIZ SINGH GALLES****PSICÓLOGA | CRP: 08/17479**
 Rua Santos Dumont, 3472  
 Ed. Coml. Bandeirantes - Sala 401  
 Centro - Maringá - PR.  
 Tel.: (44) 326 2 76 73 / 9 912 0951  
 bsgpsi@gmail.com
Parceiros  
deste jornal  
ganham...
 FALE COM LONDRINA  
[info@webee.com.br](mailto:info@webee.com.br)  
 43 3323-1371  
 43 3024-1371

**50%**  
 de desconto  
**webee**  
 e-marketing

 ... para  
 desenvolver  
 o site de sua  
 empresa

[www.webee.com.br](http://www.webee.com.br)  
 ATENDIMENTO MARINGÁ  
[oliver@webee.com.br](mailto:oliver@webee.com.br)  
 44 3233-4124  
 44 9874-5577

## ■ SOBRE ELEIÇÕES NO SISTEMA CONSELHOS

Em agosto tivemos o processo de escolha de Conselheiros para gerir o CFP e os CRPs no período que compreende 2013 a 2016. Então, a cada três anos, todos os psicólogos que estão com suas inscrições ativas e adimplentes podem votar. Ocorre que neste ano tivemos mudanças no processo eleitoral. Foram duas modalidades de votação, quais sejam: por correspondência e online. A votação online abrangeu cerca de 70% da categoria apta para votar. O objetivo foi ampliar a participação dos psicólogos e o resultado alcançado, ao menos no Paraná, foi positivo, pois houve um aumento de 32% de votantes em relação à última eleição. Ainda assim, considerando o número de psicólogos inscritos no estado, menos da

metade exerceu seu direito à cidadania. Vale lembrar que este último processo eleitoral representou um fato histórico nos 51 anos de regulamentação da Psicologia no Brasil. Tivemos três chapas concorrendo ao CFP e duas chapas ao CRP/08 e isso aponta que o processo eleitoral, em especial no quesito opção de escolha, foi democrático.

Para o Conselho Federal, a chapa vencedora foi a “Fortalecer a Profissão” e representando o Paraná a chapa eleita foi a “É Tempo de Diálogo”. Este lema fala do desejo de envolver os psicólogos na conquista efetiva de reconhecimento social e profissional, aliada a melhores condições de trabalho e de remuneração. Independente do resultado das eleições,

vivemos a democracia, pois por muitos anos poucos psicólogos se envolviam politicamente com a profissão. As eleições 2013 demonstraram que isso está mudando. O dia-a-dia do psicólogo é repleto de atividades e muitos profissionais, e até mesmo acadêmicos, se veem impossibilitados de participarem mais ativamente das lutas que envolvem sua profissão. Outro fator que pode influenciar na participação da categoria é a escassa formação política, sendo assim, um dos papéis do Sistema Conselhos é prover esse aprendizado. Quanto maior o número de psicólogos envolvidos com seu Conselho de classe, maior a força política rumo às conquistas que a profissão almeja e necessita.



### PENSO ASSIM

Thaís de Ferrand | Escritora, cronista e contadora de história

## À FLOR DA PELE

Poucas estações do ano são tão fascinantes como a primavera. Das quatro, talvez nenhuma reúna tantas metáforas sobre a gente. Por essa razão, é dela que a crônica deste dia da semana mais gosta de falar. Talvez por não ser tão amena e sombria como o outono. Ou porque nem só de extremos é feita a vida: cambaleando entre um inverno e um verão. Seja como for, a verdade é que a primavera nos oferece um leque de lições sobre os mais variados temas.

Ensina sobre a paciência aos que esperam o ano inteiro pelo verão. E que depois de inverno turbulento, muitas vezes, pode vir um feixe de esperança. Uma tarde de primavera abre um espaço inevitável na vida, para que a gente se sinta mais inteiro ao ar livre para vivê-lo com delicadeza.

Ensina a sobreviver aos estragos das chuvas,

do malfeito, do corrupto, da bandalheira e das aflições sem fim que pesam mais no frio. Abre um clarão que vai do céu à terra para que a gente enxergue melhor os detalhes. Os nossos. Os do outro. Os do planeta inteiro. E dê jeito no que puder dar, porque qualquer jeito vale quando se está no mesmo barco.

Ensina a acreditar, mesmo que essa lição venha com todas as outras estações também. Talvez porque, nesta época do ano, a gente não se sinta tão enclausurado por conta do frio, nem tão aéreo e leve demais por conta do verão. Exatamente por isso e por causa daquelas flores secas que hoje brotam aos montes lá fora; porque, lá atrás, alguém acreditou e deu nisso. Então, o que se imagina agora também há de acontecer: uma ideia, uma saída, uma cura, uma viagem, um amor, um filho ou tudo junto.

Ensina a colorir porque tudo lá fora de repente fica mais bonito; beleza que se irradia nos rostos das crianças e nos parques da cidade. A primavera manda na gente sem que percebamos: pede para abrimos portas, cortinas, janelas e o coração gelado para mudar de ar, trocar os objetos da casa de lugar, deixando a vida mais arejada. Pensando bem, talvez seja uma arrogância dizer que a primavera é a estação preferida desta crônica. Já que é o elo bacana entre todas que nos fez chegar até aqui. Mas, depois de um tempo de tantas histórias, talvez seja mesmo tempo de florescer ao lado dessa estação que nos recebe. Deixar-se cortar, simbolicamente, trocando de pele para renascer mais forte e vibrante. Virando mais uma página, levantando mais uma vez e respirando mais fundo, porque é tempo de viver à flor da pele.

**“**  
*Mas, depois de um tempo de tantas histórias, talvez seja mesmo tempo de florescer ao lado dessa estação que nos recebe*

Veruska Betioli de Carvalho

CRP 08/07009-1

Av. Amazonas, 118 | Mandaguari - PR | Fone: (44) 3233-3176

PSICOLOGIA



Marcelo M. Khouury

CRP 08/16593

Fone: (44) 9124.2813

Av. São Paulo, 1061 - Condomínio Aspen Trade Center - Sala 1321  
e-mail mek1310@hotmail.com



**SYLVIA MARA  
PIRES DE FREITAS**

é Psicóloga (CRP 08/05874); mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUCRS); especialista em Psicologia do Trabalho (CEUCEL/RJ); formação em Psicologia Clínica Existencialista (NPV/RJ); docente dos cursos de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e da Universidade Paranaense (UNIPAR/Umarama).

### 1-) Por que você decidiu cursar Psicologia?

Um dos pontos principais que me fez decidir pelo curso foi que na adolescência os amigos me procuravam para dividir seus problemas. Estar disponível para “escutá-los” me fez associar com uma atitude relacionada à profissão. Na época, a noção que tinha da Psicologia era muito superficial, de uma maneira geral, como uma profissão que “lidava com as pessoas podendo ajudá-las em seus conflitos”.

Entre na faculdade em 1981, para fazer 17 anos, imatura, sem visão crítica. Naquela época, o Brasil vivia a última fase do regime militar, com o então Presidente João Batista Figueiredo, com grandes crises econômicas, inflações altíssimas consequentes do período chamado de Milagre Econômico. Mesmo rumando à democratização, a Psicologia ainda servia ao status quo das classes hegemônicas, era a “Psicologia Aplicada” que buscava identificar, excluir ou tentar adaptar/reatadaptar o homem ao mundo produtivo.

Com uma formação acrítica, ahistórica e individualizante, éramos formados para também adaptar os conhecimentos adquiridos, carecia de reflexão crítica, o que nos deixava esvaziados de uma consciência sobre o que conhecíamos.

Ter conhecimento dos conteúdos ministrados nas disciplinas não implica diretamente uma consciência que posicione a maneira que os conhecemos. Acredito que é a ausência do posicionamento reflexivo crítico que nos leva a empoderar o que já foi produzido historicamente, achamos que devemos manter no futuro o que aprendemos até o momento.

Ainda há carência de atitudes na formação que ajudem os acadêmicos a posicionar para si não só as questões teórico-metodológicas e práticas das disciplinas, mas a maneira como eles as compreendem e avaliam, para assim poderem superá-las criando autonomia de pensamento e ação. A maioria das formações ensina como lidar com as “consequências” do passado, o que faz com que a história seja compreendida de maneira linear. Pouco se ensina a superar a história, inventando novas saídas para o futuro.

Como exemplo mais amplo, vemos hoje uma gama de novos cursos surgindo que não existiam. Esses são produzidos para atender as demandas históricas, o que os fazem também produtos históricos que seguem a mesma ideologia do capital. Se a Psicologia vem ampliando para suas subáreas a preocupação com a produção e alastramento da doença mental, saindo igualmente do campo privado para o público, por vezes,

ainda é também para atender a uma demanda produzida no passado que segue a lógica da produtividade e do consumo, inserem-se aí também alguns saberes e práticas preventivas, pois visam, na verdade, prevenir gastos públicos e privados com doenças.

Acredito que temos que pensar em transcender esse passado que sempre agrega a produção e o consumo enquanto valor do homem. Obviamente vivemos regidos pelo sistema econômico capitalista, mas se não encontrarmos saídas que facilitem o pleno desenvolvimento do homem enquanto tal, continuaremos escravos de nossas escolhas alienadas ao projeto de poder fazer e ter para ser.

Mas independente dessa e de outras experiências, nunca me arrependi de minha opção pela Psicologia. E continuo optando a cada dia por ela, pois estar psicóloga é aprendizado diário com a diversidade que a profissão nos oferece.

### 2-) Como se deu a escolha da abordagem?

Diferente da escolha da Psicologia que foi de uma maneira idealizada, a escolha da abordagem deu-se a partir da experiência que tive como cliente em psicoterapia. Quando da realização dos estágios curriculares, optei por uma das duas abordagens ofertadas pela graduação que fiz, mas não me senti identificada com seus fundamentos teórico-metodológicos, tão pouco confortável com a prática.

Na época, tive uma professora da qual gostava bastante. Ela ministrava uma disciplina que nada tinha a ver com a abordagem, portanto nem conhecimento sobre o existencialismo foi passado durante a graduação. Recém formada, a procurei para fazer psicoterapia, sendo ela psicoterapeuta existencial, pude experimentar a relação a partir da abordagem, e a vivência foi apaixonante. Fiz a formação clínica na abordagem, trabalhando nesta e ampliando mais tarde para a Psicologia do Trabalho.

Conforme aprendo sobre o existencialismo, reafirmo o sentido que ele tem para com o que acredito.

3-) Num primeiro olhar, a atuação do psicólogo organizacional e do trabalho parece estar posicionada sobre um problema de difícil solução: por um lado, é preciso pensar em estratégias de intervenção que visem ampliar a saúde mental no ambiente de trabalho, por outro, é preciso um certo compromisso com o aumento da produtividade. Com a sua experiência na área, como você enxerga a posição do psicólogo

### organizacional e do trabalho?

Você tocou justamente na contradição que mais aflige os psicólogos que trabalham nesta vertente. Como superar essa contradição? Como promover a saúde do trabalhador e ao mesmo tempo contribuir com os projetos das organizações/instituições? Seria possível? Essa tensão ficou mais clara para os psicólogos a partir da década de 80, quando a Psicologia no contexto do trabalho foi criticada pela Psicologia Social Crítica de que seus fazeres e saberes contribuíam para o status quo das classes hegemônicas. Também não havia uma identidade que a desagregasse da Administração. Somente depois que a Psicologia do Trabalho foi ampliando suas questões, dialogando com outras disciplinas e áreas, bem como os eventos políticos e sociais que chamavam os profissionais da saúde à sua responsabilidade social, que essa construiu um novo foco de atenção: a saúde do trabalhador.

Destarte, ainda não é suficiente toda essa mudança. Observo uma dificuldade muito grande de conciliação de interesses. O mercado opera transformações na vida do homem mais rápido que o ensino. Raras são as vezes que as academias se antecipam a ele. Com isso os conceitos de saúde e doença mental mudam conforme a época. O que seria saúde mental em um mundo que muitos buscam se sentir plenos com o consumo? O mercado ampliou seu foco. A estabilidade de emprego, a fidelidade, a disciplina, o trabalho local, formações específicas, trabalhos especializados perdem espaço para a informalidade, a multi tarefas, ampliação de jornadas de trabalho e a instabilidade, por exemplo.

Um outro ponto é que o trabalho está migrando para um mundo virtual. Novas nomenclaturas surgem como ciberproletário, infoproletários, teleatividades, entre outras, como coloca Ricardo Antunes e Ney Braga no livro “Infoproletário: degradação real do trabalho virtual”, publicado pela Boitempo em 2009. Mediante estas transformações, que tipos de patologias este novo mundo do trabalho produz e produzirá? Que saúde mental devemos promover?

Temos grandes desafios ainda pela frente e muito a desvelar. Não considero que devamos desistir diante as dificuldades, ao contrário, somente podemos exercer nossa liberdade porque há um mundo que exerce resistência a ela. Já percorremos um longo caminho e superamos bastantes obstáculos. Temos que continuar arriscando, construindo uma história de superações, pois, independente do que fizermos, não chegaremos a uma plenitude.

**Casa e Escritório**  
móveis e acessórios



**Luiz Octávio Periotto**  
(44) 9986-2967  
otavio@casaeescritorio.com.br

Av. XV de Novembro, 1046  
Maringá - Paraná - 87013-230  
Fone (44) 3305-1800  
www.casaeescritorio.com.br



**Maringá**  
Fone: 3025-2300

**Mandaguari**  
Fone: 3233-6400

wpdobrasil@wpdobrasil.com.br

# A BRINCADEIRA INTERFERE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA?



**FERNANDA GRESPAN**

é Psicóloga (CRP 08/09189) e Especialista em Psicologia Clínica de base psicanalítica.

O brincar está presente em diferentes épocas e lugares e varia de acordo com o contexto histórico e social que a criança está inserida. Isto é, as brincadeiras estão presentes na vida criança e independe dos espaços geográficos e culturais, a diferença está apenas na forma de brincar. Elas são universais, estão na história da humanidade ao longo dos tempos, fazem parte da cultura de um país, de um povo.

Quando pensamos na criança, na infância, imediatamente associamos à ideia da brincadeira. De acordo com Winnicott, a brincadeira surge com a fantasia da criança é inata a ela. Isto é, todas já nascem com a capacidade de fantasiar. A brincadeira é a forma com que a criança se comunica e se relaciona com o mundo exterior e se inicia a partir dos conteúdos subjetivos e simultaneamente com os recursos externos disponíveis como por exemplo: que vão desde o próprio corpo da criança, a mão, o pé, bem como brinquedos ursos, bonecas, carrinhos e os brinquedos de sua próprias criações (um carrinho feito de garrafa PET).

As crianças brincam porque é uma atividade agradável em si e também porque a brincadeira é um meio que a criança encontra para dominar suas angústias, controlar suas ideias, bem como extravasar o ódio e a agressividade. Bettelheim nos traz o exemplo, de que nas brincadeiras de guerras e armas, muitas mães ficam preocupadas quando observam seus filhos, porque elas imaginam que suas crianças possam se tornar adultos violentos, agressivos. Isso não é verdade, assim como brincar com blocos também não indica de que quando crescer, ela será um arquiteto ou construtor.

O adulto precisa saber que qualquer brincadeira que a criança escolha, é importante para ela, na-

quele momento, e não quer dizer nada sobre sua vida futura. São as convicções íntimas, que os pais têm a respeito da criança – de que ela é ótima pessoa e continuará a ser quando crescer- que influenciarão o seu desenvolvimento.

Segundo Winnicott, brincar permite a criança desenvolver a tolerância à frustração, porque nem sempre a brincadeira sai de acordo com o que ela planeja e isso a frustra. O brincar é fundamental e indispensável na infância porque, além de estimular o desenvolvimento intelectual também ensina os hábitos necessários ao crescimento, como por exemplo: a persistência e a perseverança sem que a criança perceba.

Sendo assim, precisamos ter em mente que é também no brincar que a criança manifesta sua criatividade. Pois a brincadeira é uma atividade que a criança consegue expressar aquilo que ela percebe do mundo em que vive e oferece condições para ela desenvolver o pensamento e o conhecimento. É brincando que a criança desenvolve o seu potencial criativo, que lhe é inato. Ela aprende a transformar e usar os objetos que estão disponíveis no meio, sem perder o contato com os próprios sentimentos.

A brincadeira possibilita à criança desenvolver as mais diversas habilidades: a leitura, a escrita, além de sua percepção sobre o mundo. Ao brincar com a imitação dos papéis sociais, como: pai, mãe, motorista, professora entre outros, ela está colocando a prova hipóteses sobre o seu entendimento do mundo e suas dúvidas sobre o mesmo. Desta forma, cria uma maneira própria de conhecer a si mesma e ao meio em que vive. Essa brincadeira favorece o desenvolvimento de sua capacidade de abstração.

A reflexão a respeito de como a brincadeira interfere no desenvolvimento da criança nos permite perceber que a mesma é a maneira saudável para a criança canalizar os seus sentimentos de maneira positiva, bem como desenvolver sua capacidade de abstração, pensamento, criatividade e tolerância à frustração. Sendo assim, quando a criança não consegue brincar, é um fato que precisa ser analisado, pois pode ser um sintoma e sinal de que ela não está bem, está em sofrimento e precisando de ajuda. É um momento importante em que muitas vezes faz-se necessária a avaliação de um profissional – o Psicólogo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARIÉS, P. A história social da infância e da família. Rio de Janeiro; LTC Editora S.a, 1981.
- BETTELHEIM, B. Uma vida para seu filho. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- Revista Viver mente e Cérebro – Edição especial n 5 – Winnicott: os Sentidos da Realidade. Coleção Memória e da Psicanálise.
- WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.



*Fernanda Quaglia Franzini*

**Psicóloga Clínica**

CRP: 08/18666

Crianças, Adolescentes e Adultos

**44 9167-8360**

fernandaqu Franzini@gmail.com



**Maysa Reis**  
Psicologia Clínica

**Hellen Maysa Reis Almeida**  
Psicóloga Clínica  
CRP 08/18679

Cel. |44| 9976-0490  
maysareis@outlook.com

Av. Tiradentes nº1008 - Centro Comercial Paraná  
Sala 1703 - 17º Andar - CEP 87013-260 - Maringá - PR

## O VALOR DA ILUSÃO NA TEORIA DO AMADURECIMENTO DE WINNICOTT



**CLETO ROCHA POMBO FILHO**  
é Médico  
Psiquiatra (CRM 19276)

Todo desenvolvimento humano na área da cultura e da criatividade se inicia, segundo Winnicott (1951), a partir do surgimento da ilusão na relação inicial mãe-bebê, ou seja, toda a possibilidade de comunicação entre os seres humanos tem início na ilusão de que é você quem cria o mundo!

Na medida em que a pessoa pode ter a ilusão de que foi ela quem criou o mundo, abre-se uma oportunidade para atribuir significado à existência. Por exemplo: uma criança brincando na praia constrói um castelo de areia e coloca ali dentro vários personagens de seu mundo interno; esses processos da ilusão e do brincar são as bases da saúde mental e do sentimento de criatividade, não no sentido artístico, mas no sentido de ter recursos para lidar com a vida.

No início da vida do bebê, a mãe através de uma adaptação quase completa suas necessidades, propiciando a oportunidade da ilusão de que foi o bebê quem “criou o seio”; ou de que o seio dela faz parte do bebê e está sob o controle “mágico” dele. É como se o bebê e a mãe fossem uma coisa só; nesse período ainda não há separação do Eu do Mundo. Se o bebê sente fome, o seio aparece bem no lugar que ele deseja e dessa forma o seio é “criado” pelo bebê repetidas vezes, tanto pela sua capacidade de amar, como por sua necessidade de se alimentar. Assim cria-se também, em termos subjetivos, o “seio” da vida.

A mãe coloca o “seio ideal”, exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo e essa situação propicia a confirmação de que foi ele quem o criou, mas é claro que não foi ele e nisso consiste a ilusão. No entanto, para que o bebê chegue a essa constatação, ele precisa de tempo e de um processo suave e gradativo de desilusão que ele possa tolerar. Essa percepção de que o criador não foi ele, deve ser o suficiente para que não perturbe o “continuar a ser do bebê”.

À medida que o bebê vai se desenvolvendo, até mesmo de um ponto vista neurológico, ele vai podendo perceber, as custas das pequenas desilusões na relação com a mãe, que aquele objeto (seio) que antes era vivido como uma criação dele, na verdade não é. Então aos poucos, ele vai podendo chegar a percepção clara do objeto separado dele. Se não ocorrer falhas nesse período, realiza-se uma parte da jornada do amadurecimento emocional, que é a conquista do: “Eu existo!”; da convicção de ser si mesmo. A partir dessa individualização o ser humano pode se relacionar com pessoas reais, e não mais com criações de sua própria mente.

Essa conquista do “eu” separado do mundo, através do processo ilusão-desilusão, acontece numa área intermediária ou transicional. Entre a realidade e a fantasia. Um espaço que é concedido ao bebê, entre a criatividade primária e a percepção objetiva, baseada no teste de realidade. É nessa área neutra de experiências entre o real e o fantasiar, é o verdadeiro “lugar” em que vivemos.

Assim sendo, os sentimentos de ilusão e de criatividade são a raiz da saúde mental, bem como também são a origem de toda a distorção que fazemos nas relações com as pessoas com as quais a gente convive. Na clínica observamos pacientes que idealizam excessivamente as outras pessoas ou que se queixam há muitos anos de seus parceiros esperando que sejam uma pessoa que nunca foram. Isso ocorre, pois eles não podem enxergar o outro assim como ele é, porque sobrepõem às pessoas reais, todas as figuras do seu mundo interno, o que gera frustrações nos relacionamentos, uma vez que não estarão se relacionando com a pessoa que está a sua frente, mas sim com aquilo que está dentro de sua cabeça. Diante disso, vemos a importância da ilusão e do fantasiar para dar sentido à vida e para legitimar a percepção que temos das outras pessoas.

## A HIPÓTESE DO “PRÉ-CONSCIENTE”: UM CONTRAPONTO A FREUD E JUNG



**RUI BRAGADO SOUSA** é graduado e mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Este artigo pretende analisar alguns conceitos psicológicos na filosofia de Ernst Bloch. Para romper com o saber puramente contemplativo e idealista das utopias, Bloch as articula com a filosofia da práxis de Marx e com a ontologia da “consciência antecipadora” ao que “ainda-não-veio-a-ser”. Nesse processo, o homem compreendido como um ser ainda em formação é remetido em direção do futuro, ao *novum*, ao devir. O impulso ou interrupção que nos move necessariamente rumo ao novo é abordado por Bloch de uma forma bastante peculiar e distinta às pulsões freudianas: a fome, as profecias, os movimentos milenaristas, as utopias e os sonhos acordados são a potência humana.

O ponto central de “O Princípio Esperança” – maior obra de Bloch – é a espiral de um sistema aberto, ou seja, do homem ainda em formação e da História como um processo aberto, compatível com visões cíclicas de mudanças, rupturas, avanços ou mesmo regressões e incompatível com a ideia de progresso contínuo. Este pensamento pode ser sintetizado na conhecida fórmula “S ainda não é P”, sujeito ainda não é predicado. O componente dialético de Ernst Bloch, apesar de certa influência de Hegel, não é de forma alguma idealista, puramente contemplativo, ele está repleto de uma carga revolucionária materialista. A vertente marxista da psicanálise é bem conhecida em Vigotsky e sua “Formação social da mente”, um epílogo psíquico das obras de Marx como “18 Brumário” e de Engels como “Sobre papel do trabalho na transformação do macaco em homem”, mas ganha fundamentação histórica e erudita em Ernst Bloch.

Eric Hobsbawm qualifica Bloch como um autor soberbo, pois desdenha Freud e Jung, mas surpreende-se com a erudição do filósofo da esperança e conclui enfatizando que “não é todo dia que somos lembrados, com tanta sabedoria, erudição, inteligência e domínio da língua, de que a esperança e a construção do paraíso terreno são o destino do homem”. Como escreveu Marx a Ruge “Ficará evidenciado (...) que o mundo já há muito possui o sonho de uma coisa de que ele apenas precisa ter a consciência para possuí-la de fato”. No entanto, como demonstra Bloch, a tomada de consciência é um processo doloroso na moderna sociedade industrial, reificada, consumista. As ideologias ou “imagens idealizadas no espelho”, um espelho embelezador que reflete apenas o que a classe dominante quer do desejo e como ela o quer, são reformuladas por Ernst Bloch de modo que “o espelho se origine do povo”. Parte substancial dessa reformulação e, igualmente relevante para o desenvolvimento das “utopias concretas” é investigação da psicanálise burguesa, do inconsciente freudiano e dos arquétipos junguianos.

Há uma clara influência da psicanálise freudiana em Bloch, mas há uma distinção entre seu conceito de “ainda-não-consciente” ou “pré-consciente” e o “inconsciente” de Freud ou “id”, o qual cerca a consciência como se fosse um anel, estando fixado no passado, tendo a função de liberar as imagens e desejos comprimidos,

**Dr. Cleto Rocha Pombo F<sup>º</sup>**  
médico-psiquiatra-psicoterapeuta  
CRM 19276

Av. Tiradentes, 1081  
Centro Vascular João Belczak

44 3225-4965

Maringá – PR

Especialista em Psicoterapia USP-SP

*Neila Paula da Silva*  
Psicóloga  
CRP 08/10172

curta nossa página  
[www.psicologasociedade.com.br](http://www.psicologasociedade.com.br)

Rua Néo Alves Martins, 2999 | Sala 118  
Edifício Marquêsini Tradé Center  
Maringá | Paraná  
87013-070

☎: |44| 3227.9266  
☎: |44| 9972.6301  
[neilapaulasilva@hotmail.com](mailto:neilapaulasilva@hotmail.com)

enquanto que os sonhos diurnos são voltados para o futuro. Dito de outra forma, “o ainda-não-consciente” está para o “inconsciente” freudiano assim como o “sonho diurno” está para os “sonhos noturnos”.

Para Ernst Bloch, o inconsciente da psicanálise nunca é um *ainda-não-consciente*, um elemento de progressões, ele consiste, antes, de regressões. Tornar consciente esse inconsciente revela apenas o que já foi, o que vale dizer que “*no inconsciente de Freud não há nada de novo*”. Isso ficou claro também em C. G. Jung, que reduziu a libido e seus conteúdos inconscientes a um fenômeno pré-histórico, onde residiriam exclusivamente memórias ou fantasias primordiais da história tribal, denominadas arquétipos. Bloch é um crítico ferrenho de Jung, qualificando-o como “o fascista psicanalítico” que “menospreza a consciência, como alguém que desdenha a luz”.

Freud e Jung concebem o inconsciente meramente como algo passado na evolução histórica, como algo submerso no porão e existente apenas ali. Um e outro conhecem, ainda que de modo diferenciado, apenas o inconsciente voltado para trás ou situado abaixo da consciência já existente, “eles não conhecem uma pré-consciência do novo”. Um agravante, para Bloch é que, tanto em Freud, Jung ou Adler, a doutrina das pulsões jamais é discutida como uma *variável das condições socioeconômicas*.

Bloch adverte que a apreensão da fome como uma pulsão fundamental não restringe a expressão real da questão ao interesse econômico, ao velho debate da base e superestrutura, o fator econômico não é o único, mas o fundamental, nunca determinante, embora condicionante. A partir da fome formam-se os afetos expectantes (angústia, medo, esperança e fé) que se estendem através do aspecto desejante até o alvo de uma vida melhor: formam-se *sonhos diurnos*. “Eles sempre procedem de uma carência e querem se desfazer dela. Todos são sonhos de uma vida melhor (...), o que é intuído pelo impulso de auto-expansão para frente é um *ainda-não-consciente*”.

Todos os afetos expectantes indicam para frente, o contexto temporal do seu conteúdo é o futuro, sendo que a esperança implica o bem-supremo, a bem aventurança irrompendo, que dessa forma ainda não existiu. A esperança e a confiança (afetos expectantes positivos) frustram o medo e a angústia ou desespero. Bloch cita uma passagem de Hölderlin que exemplifica o potencial utópico da esperança: “Onde há perigo, cresce também o que salva”. Perigo e fé são a verdade da esperança, de tal modo que ambos estão reunidos nela e o perigo não tem medo, nem a fé tem em si uma quietude indolente”. A esperança é, em última análise, um afeto prático, militante.

Dessa forma a utopia torna-se um elemento da atividade humana orientada para o futuro, um *topos* da consciência antecipadora e força ativa dos sonhos diurnos. Esse *topos* utópico é possível pelo fato de que o mundo não é um lugar fechado, ou processo acabado, porque possui horizonte aberto e cheio de possibilidades “ainda-não” realizado, tudo no mundo é movimento e agitação, às vezes em estado de latência, às vezes revolucionário.

O espírito utópico de Bloch, cujas categorias centrais são “possibilidade” e “esperança”, rompem com o estado de reificação do mundo burguês e seu aparato ideológico. Quando Bloch escreve que o “*não*” é um “ainda-não” que pode “vir-a-ser”, ele desmistifica a realidade social estratificada, coisificada e abre uma fronteira no campo da filosofia da práxis rumo ao novo, ao devir, ao futuro, enfim... à esperança. O ímpeto e o desejo irrompem através dos sonhos diurnos e da consciência antecipadora e tem como referência o horizonte mais amplo e mais claro, rumo à nova aurora, num sentido semelhante à frase de Marx e Engels escrita em 1848 no Manifesto Comunista: “tudo que é sólido desmancha no ar”.

Ernst Bloch é mais que um filósofo ou teólogo, antes de tudo “é um artista com penetração psicológica de um escritor maior, um poli-historiador” que entende a origem do processo não em sua gênese, mas no ômega. *Incipit vita*



JÉSSICA DEMITI

é estudante do 5º ano de Psicologia da Unicesumar; pós graduanda em Gestalt-terapia pelo Necpar e membro do JPF.

## VIGOREXIA: TRANSTORNO DISMÓRFICO CORPORAL

É fato que a sociedade e a mídia exercem forte influência sobre a estrutura corporal e a aparência de indivíduos de ambos os sexos. Enquanto para mulheres o corpo magro é considerado ideal e representa sua aceitação na sociedade, para homens este padrão corresponde a músculos cada vez mais desenvolvidos, muitas vezes alcançados somente com o uso de substâncias como os esteroides anabolizantes e suplementos.

Manter uma prática regular de atividade física é saúde e proporciona bem estar, porém feito em excesso pode ser prejudicial. A obsessão pela boa forma pode gerar riscos para a saúde psíquica e física.

A Vigorexia, embora não esteja catalogada como transtorno pelos manuais de classificação (CID.10 e DSM.IV), já é reconhecida no meio científico e considerada uma das mais recentes patologias emocionais estimuladas pela cultura.

O transtorno em questão, conhecido também como Dismorfia Muscular, ou Transtorno Dismórfico Corporal, acomete mais homens do que mulheres e caracteriza-se por uma preocupação excessiva em ficar forte a todo custo. Apesar dos vigorexícos serem muitos musculosos, sofrem de um distúrbio de imagem corporal no qual se olham no espelho e se enxergam magros, de maneira similar aos acometidos de anorexia, que ao se visualizarem, sempre se consideram gordos. Com isso, a imagem corporal mostra-se um importante componente do complexo mecanismo de identidade pessoal.

Contudo, o Transtorno Dismórfico Corporal é um transtorno mental que se caracteriza por afetar a percepção que o indivíduo tem da própria imagem corporal, levando-o a ter preocupações irracionais sobre defeitos em alguma parte de seu corpo. O transtorno pode se manifestar como: distúrbio de percepção - quando há distorção de imagem, distúrbio

na cognição e afeto - quando o indivíduo tem insatisfação com o próprio corpo ou o avalia negativamente e distúrbio de comportamento - checagem corporal, comportamentos de evitação, etc. Essa percepção distorcida pode ser totalmente falsa (imaginária) ou estar baseada em alterações sutis da aparência, resultando numa reação exagerada a respeito, com importantes prejuízos no funcionamento pessoal, familiar, social e profissional.

Observa-se que indivíduos acometidos da Vigorexia não praticam atividades aeróbicas por receio de perder massa muscular. Eles se tornam frequentadores diários de academias e realizam exercícios físicos em excesso com o objetivo de aumentar seus músculos, buscando um corpo perfeito, se tornando obsessivos por esses exercícios destinando a eles um elevado período de tempo. Podem também, fazer uso excessivo de suplementos e/ou esteroides anabolizantes.

Falhas nos corpos desses indivíduos que, normalmente, passariam despercebidas para outros, são reais para eles, conduzindo os mesmos à depressão ou ansiedade, problemas no trabalho e em suas relações interpessoais. Como resultado, correm o risco de perder o emprego e apresentar problemas de relacionamento com pessoas de seu convívio.

A maioria dos indivíduos com esse transtorno em questão, não procuram ajuda profissional, mesmo que isso gere consequências em sua vida. Isso ocorre, frequentemente, pela dificuldade de um diagnóstico mais preciso e até mesmo, pela falta de informações relacionadas a tal patologia. Portanto, por ser algo novo e com poucos estudos sobre o tema, o importante é que profissionais da saúde procurem se informar e se atualizar sobre tal realidade a fim de proporcionar diagnósticos mais efetivos e identificar o melhor tratamento para cada indivíduo acometido desse distúrbio que traz sofrimento significativo em sua vida.



[44] 3028-3222 Filial On line

[44] 4009-8981 Rua Néu Alves Martins, 2851

[44] 3023-8981 Av. Duque de Caxias, 718

LOCAÇÃO | VENDA | LANÇAMENTO

IMOBILIÁRIA  
**SILVIO IWATA**  
Uma decisão de confiança!

[www.silvioiwata.com.br](http://www.silvioiwata.com.br)

## CRISE DA PSICANÁLISE?



ISABELLE  
MAURUTTO  
SCHOFFEN

é psicóloga clínica  
(CRP 08/17708),  
mestranda em  
Psicologia pela  
Universidade  
Estadual de Maringá,  
colaboradora e  
idealizadora da Roda  
de Psicanálise: teoria,  
clínica e cultura.  
(Acesse <http://rodadepsicanalise.blogspot.com.br>)

Desde suas origens a psicanálise sofre ataques, seja pela descoberta de seu objeto, o inconsciente, pelo método de investigação, seja pelo campo de pesquisa e atuação, a clínica. Enfim, mais de 100 anos se passaram desde a invenção da psicanálise e ainda há grandes embates teóricos a respeito de suas origens epistemológicas na tentativa de colocar em cheque seu estatuto científico e consequentemente sua validação enquanto procedimento terapêutico. Tal como em seus primórdios os ataques não advinham apenas de seus opositores e adversários, os maiores ataques vieram de dentro da psicanálise.

Ana Maria Rudge (2006) em seu texto, *As teorias do sujeito contemporâneo e os destinos da psicanálise*, argumenta sobre a necessidade entre os psicanalistas de situar sua ciência em nosso tempo histórico com o objetivo de aplacar as críticas que são cada vez mais ferrenhas. Em ataque ao olhar psicanalítico à singularidade há a acusação de ignorar as dimensões históricas e políticas do sujeito contemporâneo.

Rudge (2006) considera legítimos os esforços dos psicanalistas em buscar compreender a realidade cultural, contudo, considera “saídas um tanto apressadas e simplistas que evitam a via mais árdua da construção de teoria” (p.12) que chegam a ter efeito oposto à revitalização do campo psicanalítico e acabam se aliando ao ataque à psicanálise, considerado pela autora, uma “identificação com o agressor”. Como exemplo, Rudge (2006) destaca as hipóteses de Charles Melman em *O homem sem gravidade*, considerando essa publicação um paradigma justificado pela repercussão entre os psicanalistas brasileiros e franceses. A ideia de Melman (2008) é a de que precisamos de uma “nova versão psicanalítica do sujeito contemporâneo”, e que uma “nova economia psíquica” es-

taria organizando o psiquismo, isto é, a economia psíquica passada, pautada na psicanálise clássica de Freud, organizada pela repressão, estaria superada, dando lugar à exibição do gozo. Por estes e outros ataques é que se anuncia uma “crise” da Psicanálise.

Entendemos que “crise” não seria o termo mais assertivo, uma vez que remete a um momento crítico e decisivo. A história do movimento psicanalítico nos revela que os ataques sofridos pela psicanálise atualmente são de natureza semelhante aos presentes em seu surgimento - e que a acompanham desde então. À vista disso, pensamos com Freud (1925/2006) e compreendemos este momento como típico, um movimento de resistência, próprio da psicanálise, uma vez que remonta a sua a própria história.

Freud em *As Resistências à Psicanálise* (1925/2006) evidencia que as críticas a sua ciência não ficaram no plano intelectual das discussões epistemológicas, elas foram além, e vieram carregadas de exaltação dos humores e conclui que as explosões de indignação e escárnio sugerem outras resistências. As resistências são atribuídas ao fator sexual da teoria psicanalítica, ou melhor, a força da sexualidade, de Eros, tanto na vida individual normal e patológica, como no âmbito das realizações culturais de mais alto valor para a sociedade. A principal crítica no plano individual foi a respeito dos sintomas das neuroses constituírem formas substitutivas de satisfação sexual, revelando o caráter patogênico que os padrões sociais excessivamente rígidos podem infligir ao indivíduo; a psicanálise foi acusada de *pansexualismo* e assim, uma ameaça a sociedade por incentivar a promiscuidade. No plano social/cultural foi acusada de ferir, degradar os mais elevados valores culturais ao sustentar que a arte, a religião, e a ordem so-

cial, são também originadas de uma contribuição da sexualidade desviada de seu objeto imediato.

Enfim, desde sua origem as resistências mais fortes à psicanálise surgiram de fontes emocionais, de “algo” que a psicanálise anuncia e denuncia, e do qual não queremos saber. Partimos dos argumentos do próprio Freud e levantamos a hipótese de que ainda resistimos à descoberta psicanalítica da teoria dos instintos/pulsão, ainda resistimos à sexualidade infantil, resistimos ao caráter primordialmente sexual na origem de nossa mente. Resistência marcada seja pelo escárnio dos adversários da psicanálise, ou pela racionalização conceitual demasiada, muitas vezes dos próprios psicanalistas ou estudiosos da psicanálise, que transformam a força indomável das pulsões em abstrações e intelectualismo, como observou Freud.

Freud (1925/2006) admite, com pesar, que os psicanalistas não fogem a resistência que a psicanálise desperta. Entendemos também que da mesma maneira que se reivindica uma “psicanálise contemporânea”, uma psicanálise diferente da do pai, existe a dificuldade de renunciar o prestígio e proteção que a psicanálise representa e assumir-se e arriscar-se por conta própria. E assim, tal como o filho deseja se desagrilhoar do pai, tido como conservador.

Sabe-se da importância que o tempo histórico e a cultura têm para o pensamento psicanalítico, enfim, “que o social é constitutivo da subjetividade humana”. (Honda, 2009, p.97). Não podemos deixar de evidenciar, entretanto, que a postura dos psicanalistas “resistentes à psicanálise” possam estar motivadas também pela ideologia da pós-modernidade, em que se rechaça com veemência as metanarrativas, as teorias explicativas e organizadoras, os clássicos, enfim, em linguagem psicanalítica, aos impulsos ambivalentes direcio-



Isabelle Maurutto Schoffen Samara Megume Rodrigues  
(CRP-08/17708) - 91186069 (CRP-08/18324) - 99383542

<http://www.rodadepsicanalise.com.br/>

Av. São Paulo, 1061, Aspen Park Trade Center, sala 1305



José Henrique Bronze Dias

Contato: (44) 9973-3905  
(44) 3227-2280

Av. Cerro Azul, 735, Zona 02 | Maringá - PR

nado ao pai.

A análise de Freud a respeito das resistências à psicanálise nos leva a refletir sobre esta possível “crise da psicanálise”, e lança luz ao momento social e cultural que estamos vivenciando atualmente. Mesmo com o desenvolvimento tecnológico e científico acumulados, ainda os impulsos implacáveis e ambivalentes que habitam o humano não deixaram de impor sua força e com a mesma intensidade que nos atingiu nos primórdios da civilização.

Talvez a resistência à psicanálise não dure para sempre como Freud pensou, entretanto, sabemos que esta ciência ainda fere o narcisismo humano, ainda fere nosso desejo de onipotência, de completude. Sabemos também que ela continua a denunciar e criticar o funcionamento da sociedade, pois, o mal-estar se instala em qualquer tempo, em qualquer cultura. Entendemos que por mais que mudanças sociais, econômicas, culturais tenham ocorrido neste intervalo de tempo, a civilização ainda se sustenta na repressão dos nossos instintos.

## REFERÊNCIAS

- Freud, S. (2006). As resistências à Psicanálise. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 235-248). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Honda, H. (2009). Subjetividade e Metapsicologia: a constituição conceitual da realidade psíquica. In: A. E. Tomanik, A. M. P. Caniato, & M. G. D. Facci (Orgs.) *A Constituição do Sujeito e Historicidade*. (pp. 63-104). Capinas: Alínea.
- Melman, C. (2008). *O homem sem gravidade – gozar a qualquer preço*. (Sandra Regina Felgueiras, trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Rudge, A. M. (2006). As teorias do sujeito contemporâneo e o destino da psicanálise. In Ana Maria Rudge (org). *Traumas*. (pp. 11-21), São Paulo: Escuta.



**ROSANA MARIA MONTEIRO CAMPIGOTTO**  
é Psicóloga  
(CRP 08/09940),  
Especialista em  
Psicoterapia  
Cognitivo-  
Comportamental  
e Análise do

## PSICOTERAPIA: PORQUÊ? OU PARA QUE? E O QUE É?

Ao invés de perguntarmos o porquê de se procurar um psicólogo seria melhor indagarmos para quê se procura ajuda psicológica?

As pessoas, na grande maioria, buscam este tipo de ajuda quando se encontram em algum tipo de sofrimento, sendo que, as razões podem ser de origens diversas e variam de intensidade, porém todas são de grande importância para aquele que está sofrendo.

Alguns motivos que levam uma pessoa a procurar um psicólogo e investir em uma psicoterapia: perdas no emprego, de pessoas próximas, de relacionamento, nas dificuldades escolares e financeiras; para orientação vocacional e profissional, déficit de atenção e hiperatividade, dependência química, alcoolismo e também nos diversos tipos de transtornos como: de Humor (afetivos), entre tantos a depressão, bipolar, distímia etc; Ansiosos, como o pânico, ansiedade, o TOC, estresse pós traumático, de somatização, hipocondria etc; Alimentares, como a anorexia, bulimia, e obesidade; Sono, como a insônia, sonambulismo, terrores noturnos e pesadelos etc; Hábitos e Impulsos, como o jogo patológico, o roubo patológico, a tricotilomania etc; na Disfunção, Orientação e Identidade Sexual; na falta de sentido da vida, se está descontente, desanimado, querendo conhecer-se melhor etc...

Na psicoterapia cria-se uma relação terapêutica, onde aquele que sofre é acolhido, ouvido e respeitado. O psicólogo está ali para apoiar e ajudar na busca de autoconhecimento e nunca para julgar.

A grande maioria das pessoas tem receios em se expor, em serem julgadas, ou mal interpretadas, apresentam dificuldade em parar para ouvir, estão sobrecarregadas, sem tempo e mais ansiosas. Não é fácil admitir a necessidade de ajuda. Com o tempo elas vão acumulando internamente seus problemas, o que poderá resultar em doenças no corpo e na alma.

A psicossomática (psique= alma + soma= corpo) é uma ciência que integra diversas especialidades da medicina e da psicologia para estudar os efeitos de fatores sociais e psicológicos sobre processos orgânicos do corpo e sobre o bem-estar das pessoas.

Psicossomática significa para quem compreende o ser humano de forma integral, toda e qualquer forma de adoecimento, incluindo todos os tipos de sintomas

físicos, mentais, relacionais, familiares, profissionais, sociais e espirituais.

Portanto, todo e qualquer tipo de sintoma é uma manifestação de sofrimento psíquico. E antes de eliminá-lo, o Psicólogo, na psicoterapia, irá transformá-lo em um guia para o autoconhecimento, para que assim, o indivíduo possa evitar o reaparecimento ou o surgimento de novos sintomas mais graves e mórbidos.

### E o que é psicoterapia?

Psicoterapia é um tratamento profissional, prestado por um psicólogo clínico - É um processo que busca ampliar o conhecimento de si próprio (autoconhecimento), e é de grande importância para a vida daquele que procura, porque muitas vezes somos nós mesmos os responsáveis por situações que nos trazem sofrimentos, embora nem sempre tenhamos consciência disso. Essas situações tendem a diminuir na medida em que vamos nos conhecendo e assim optamos por comportamentos mais adequados, possibilitando uma melhora na qualidade de vida, pois a pessoa passa a sentir-se melhor com ela e com os outros. Quando uma pessoa sente-se bem com ela, é fato que as outras pessoas que são próximas a ela também sentem, e todos são beneficiados com as mudanças que ocorrem no processo.

E assim, nossas dores poderão ser tratadas. Permitindo que a pessoa amadureça e envelheça com bom humor, que é a condição essencial para que o sistema imunológico atue eficientemente. Está comprovado que o sistema imunológico reage imediatamente a qualquer tipo de situação com aspectos negativos; desequilibrando nosso psiquismo, e fazendo com que ele deixe de ser funcional, chegando até a se voltar contra o próprio organismo, que é o caso das doenças auto - imunes.

Através do atendimento psicológico- psicoterapia- a pessoa pode se compreender melhor tanto em suas reações, conflitos, envolvimento como em relação a seus medos, sentimentos de solidão, perdas. O que poderá com certeza, resultar em novas possibilidades e novos caminhos.

O sentimento de plenitude surge quando podemos estar satisfeitos e desfrutar o que temos e somos.



**NECPAR**

Núcleo de Educação Continuada do Paraná

Cursos de pós-graduação e extensão em:

**PSICOLOGIA e NUTRIÇÃO**

INFORMAÇÕES: (44) 3031 7182

marketing@necpar.com.br | www.necpar.com.br



**Clínica de Psicologia**

Psicoterapia Comportamental Cognitiva  
e Análise de Comportamento  
Psicoterapia Junguiana

**Rosana Maria Monteiro Campigotto**

Psicóloga - CRP 08/09940

rosana\_campigotto@yahoo.com.br

Cel: (44) 9914-2556

**Adolescentes e adultos**

Rua Rene Tácola, 859  
Mandaguari-PR | Centro  
Fone (44) 3233-3125

Av. Paraná, 503  
Sobrelaja | Sala 04  
Maringá | Centro  
Fone (44) 3028-5376



MARIA LUÍSA ZAPATA LEONEL É fonoaudióloga (CRFA-PR 5141); Mestre em Distúrbios da Comunicação, Especialista em Voz, Diretora do Instituto Voz.

## COMUNICAÇÃO: ARTE OU HABILIDADE?

Quando pensamos na comunicação de um indivíduo é muito comum que nos venha em mente a sua oralidade ou, mais especificamente, pensamos num conjunto de palavras verbalizadas com o objetivo de transmitir uma mensagem e que ela seja entendida por outro indivíduo no papel de receptor.

Todos nós que passamos pelo ensino fundamental tivemos um dia um ensinamento sobre o esquema de comunicação com o emissor, a mensagem e o receptor num processo gradativo e linear, ou seja, o emissor produz uma mensagem, essa mensagem “viaja” num determinado espaço e atinge, em seguida, um receptor. Esse processo poderia funcionar dessa maneira no tempo em que escrevamos cartas, mas não seria mais aceito hoje num momento em que as possibilidades de comunicação são ultrarrápidas. Enquanto o emissor elabora seu pensamento, a transmissão da mensagem já está atingindo o receptor que, por sua vez, já está elaborando e transmitindo as respostas para serem analisadas pelo primeiro, o qual pode, antes que se termine a primeira frase, observar as pistas geradas pelo seu receptor para reelaborar e redirecionar seu pensamento. Tudo acontece ao mesmo tempo.

Sendo assim, o indivíduo que está num processo de comunicação utiliza inúmeras ferramentas para cumprir seu papel de maneira eficiente. Em primeiro lugar temos a língua com todas as suas regras, formas e significados. A maneira como utilizamos a língua demonstra nosso conhecimento, cultura e valores. Uma segunda ferramenta são os componentes paralinguísticos que, como a própria palavra demonstra, são as características verbais que estão paralelas à língua, constituídos pela forma oral de se comunicar, ou melhor, com o “como” se fala, e transmite para o outro nossas intenções, nossa organização, a clareza de ideias e noção de limites. Outra ferramenta que se integra com as anteriores são os aspectos não-verbais da comunicação, ou melhor, tudo aquilo que é visualizado no comunicador enquanto fala como seus gestos, postura, expressões, aparência, comportamentos e atitudes, que podem reafirmar ou contradizer tudo que é dito e como é dito, pois aquilo que se

faz marca muito mais do que aquilo que se diz. Também não podemos esquecer que o comunicador também realiza o papel de ouvinte tanto enquanto fala como quando ele apenas ouve, devendo estar ativo constantemente para emitir sinais de compreensão e também emitir opiniões acerca do assunto. Essa é considerada uma das ferramentas mais difíceis de desenvolver.

Englobando todas as ferramentas anteriores, temos ainda como transmitir nossa personalidade, nossas experiências e história de vida quando selecionamos determinados tipos de voz, maneiras de articular as palavras, determinadas posturas e movimentos corporais sendo que esses padrões nem sempre são coerentes com nossos aspectos físicos e com os diferentes papéis que exercemos na vida pessoal e profissional.

Percebemos, então que, durante o processo de comunicação o indivíduo precisa controlar e monitorar todas essas ferramentas ao mesmo tempo. Geralmente, quando conversamos com as pessoas, preocupamo-nos apenas com “o que se fala” e não com o “como se fala”, muito menos nos atentamos para todas as informações que estão sendo transmitidas paralelamente a esse fato. Algumas pessoas conseguem transmitir mais impressões positivas, enquanto outras acabam deixando apenas impressões negativas. E por que isso acontece? Seria porque a primeira teria o “dom da oratória” e a segunda estaria desprovida disso? Ou seria porque a primeira teria características de personalidade, experiências e história de vida mais positivas do que a segunda? As bases científicas nos permitem optar pela explicação que somos aquilo que vivemos e podemos nos adaptar escolhendo viver melhor para sermos pessoas melhores. A comunicação passa a ser, nesse processo, apenas a ponte que irá transmitir nossas escolhas aos outros e ela precisa ser efetiva para transmitir exatamente aquilo que eu desejo. Isso justifica a necessidade que um indivíduo tem de monitorar todas as suas habilidades comunicativas, quer sejam verbais ou não-verbais, para que ele tenha o exato controle sobre sua comunicação.

Algumas habilidades podem ser inatas ou po-

dem ter sido desenvolvidas precocemente por conta de um meio favorável para isso, assim como outras podem ainda não ter sido despertadas por não possuírem essa condição ou a ferramenta certa para que isso ocorresse. Partindo então desse pressuposto, entendemos que é possível sim desenvolver a comunicação, e não ficarmos com a ideia de que quem se comunica bem tem uma espécie de “sorte” ou “dom” e quem não nasceu com esse quesito infelizmente está fadado ao fracasso. São muitas as habilidades e possibilidades de desenvolvimento das mesmas e essas possibilidades são individuais porque elas precisam estar relacionadas com aspectos pessoais do indivíduo. Algumas vezes são apenas treinadas habilidades externas e outras vezes o trabalho com questões internas, como personalidade, emoção e experiências são abordadas e relacionadas às habilidades que estão sendo desenvolvidas para então se chegar numa modificação efetiva de determinado comportamento comunicativo.

A comunicação efetiva é necessária para qualquer pessoa de diferentes culturas, em diferentes papéis e para todo tipo de relacionamento. E essa é a grande razão de estarmos onde estamos: relacionar-nos com o outro. E o meio para que isso aconteça é a comunicação. Por isso todo indivíduo necessita desenvolver a autopercepção de sua comunicação com o objetivo de detectar o que ele desperta no outro e se a impressão que se tem sobre si mesmo, ou melhor, se aquilo que pensa, entende e vê tem consonância com a impressão que o outro tem dele. Enfim, será que somos o comunicador que achamos que somos?

O resultado de tudo isso é um maior domínio de suas ações e uma melhor compreensão do que se transmite para o outro. O indivíduo passa a se preocupar mais consigo mesmo e com todos que estão no seu entorno monitorando melhor todos os sentimentos relacionados às suas atitudes e como ele atinge, afeta e transforma as pessoas com quem se relaciona.

Não se aprende a “arte de falar em público”, mas pode-se desenvolver habilidades que facilitem a comunicação com o outro em diferentes contextos.

### PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO - PDC

#### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL
- COMUNICAÇÃO VERBAL LINGÜÍSTICA
- COMUNICAÇÃO VERBAL PARALINGÜÍSTICA
- ASPECTOS GLOBAIS DA COMUNICAÇÃO

#### INSTRUTORES:

FGA. MARIA LUÍSA ZAPATA LEONEL  
FGA. SUELEN COSTA PAULO  
FGA. HELOÍSA V. BRUNO  
PROFESSOR ANTONIO LEONEL  
PROFESSOR PEDRO ZUMAS



INFORMAÇÕES:  
(44) 3031-5056

[institutovoz@institutovoz.com.br](mailto:institutovoz@institutovoz.com.br)  
[www.institutovoz.com.br](http://www.institutovoz.com.br)

## DE ONDE VEM OS APAIXONADOS POR TRABALHO

No último artigo que escrevi para o Jornal Psicologia em Foco, falei sobre a importância de encontrar no trabalho parte de você e também sobre como devemos encarar-lo, para não se tornar um peso em nossas vidas. Parece fácil, mas a pergunta que pode ter ficado é: Como eu faço isso, quando não consigo encontrar no meu trabalho algo que me dê prazer e torne minha rotina satisfatória?

No trabalho que realizo com empreendedores, utilizamos ferramentas para encontrar em si mesmo e no próprio perfil, direcionamento para encontrar uma carreira e planejar os próximos anos da vida profissional. São exercícios para refletir sobre o caminho percorrido até o presente. O mais interessante é que os traços da profissão são construídos desde os primeiros contatos com atividades extra escolares.

Em muitas situações, o trabalho ideal para nós não existe e precisa ser criado por nós mesmos. Quantas histórias existem de pessoas que largam

tudo para fazer algo mirabolante que gostavam e ainda conseguiram ganhar muito dinheiro com isso?

Essas pessoas conseguiram encontrar uma ocupação onde conseguem conciliar aquilo que lhes é extremamente prazeroso somado a algo que interessa para outras pessoas (essa é a fórmula). Por exemplo, você provavelmente gosta de comer pizza e passaria o resto da vida fazendo isso, mas ninguém está disposto a pagar para que você faça isso. Outro caso seria de uma pessoa que adora tirar fotos e se torna fotógrafa, ela está fazendo algo que ama e as fotos que ela tira interessam para outras pessoas que estão dispostas a pagar por isso.

Chegar nessa altura exige um profundo autoconhecimento e pode tomar uma vida inteira. Precisamos olhar para dentro de nós, refletir sobre as nossas atitudes, escolhas e rumos que foram tomados pela vida para entendermos profundamente aquilo que nos move e nos motiva para termos uma felicidade de duradoura.

## DISCURSANDO SOBRE OS SONHOS

Martin Luther King morreu muito jovem, ao redor dos quarenta anos. Não corria atrás de status, mídia, fama, glória, apenas perseguia aquilo em que acreditava. Seus discursos até hoje inspiram milhões de pessoas a lutarem pela igualdade e liberdade.

Uma das partes mais belas proferida no seu discurso “Eu tenho um sonho”, ele tem grande importância, pois foi proferido em 28 de agosto 1963 para uma grande multidão justamente do alto do memorial Lincoln, em Washington.

Sobre a bandeira de Lincoln, Martin Luther King foi muito profundo e comovente. Discorreu sobre o seu sonho de igualdade e de justiça, usando pensamentos lúcidos, temperados com sensibilidade e irrigados com lágrimas.

### I HAVE DREAM

Eu tenho um sonho no qual um dia esta nação se erguerá e viverá o verdadeiro significado do seu credo... Que todos os homens são criados iguais...

Eu tenho um sonho de que algum dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos dos escravos e os filhos dos senhores de escravos se sentarão juntos

à mesa da fraternidade. Esta é a nossa esperança...

Eu tenho um sonho! Com esta fé, eu volto para o sul. Com esta fé, arrancaremos da montanha da angústia um pedaço da esperança. Com esta fé, poderemos trabalhar juntos, orar juntos, ir juntos à prisão, certos de que um dia seremos livres...

Quando deixamos o sino da liberdade tocar em qualquer vilarejo ou aldeia de qualquer estado, de qualquer cidade, neste dia estaremos prontos para nos erguer. Todos os filhos de Deus, brancos ou negros, judeus ou gentios, protestantes ou católicos.

### Reflexão:

“Aprendi que a disciplina sem sonhos produz servos que fazem todo automaticamente. E os sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas que não transformam os sonhos em realidade. Ninguém é digno do pódio se não usar suas derrotas para alcançá-lo. Ninguém é digno da sabedoria se não usar lágrimas para cultivá-la. Ninguém terá prazer no estelato se desprezar a beleza das coisas simples no anonimato. Pois nelas se escondem os segredos da felicidade”.

Avenida Colombo, nº 5790 | UEM | Bloco A  
Sala 03 | CEP 87020-900 | Maringá-PR

**Fone: (44) 3011-5199**

[www.psiqueej.com.br](http://www.psiqueej.com.br)





**Paulo Henrique Ribeiro**  
(44) 9931 1307

[www.topassessoria.com](http://www.topassessoria.com)  
(44) 3024-2212 | 3024-2213 (fax)  
Av. São Paulo, 172 - Sala 909 - 9º andar  
CEP 87013-040 | Maringá - PR



LÍVIA BATISTA PEREIRA Larranhaga é psicóloga (CRP 08/13426; e-mail livialarranhaga@gmail.com)

## ENTRE A AUTOAJUDA E O CONTO DE FADAS

Certa vez encontrei cinco chaves sobre uma calçada. Elas estavam separadas entre si, mas próximas umas das outras. Pensei: Será que foram perdidas ou abandonadas propositalmente? O que elas abrem ou abriam? A quem pertenceram?

É esperado de uma chave que ela abra algo, que ela tenha um correspondente, um complemento, uma fechadura e, assim, uma utilidade. Chave que não abre coisa alguma, pode ser designada «chave»?

É comum o uso dessa palavra em discursos motivacionais: a chave da vitória, a chave do sucesso, a chave da felicidade, a chave da bênção, a chave do matrimônio, entre tantas outras expressões clichês. Seria essa uma forma de dizer que se não alcançamos algo é porque não encontramos as chaves certas para isso? Ou ainda que existe um segredo a ser descoberto e cabe a nós encontrá-lo com o auxílio das “Sete lições para o sucesso”?

Pode ser. É como se aquilo que desejássemos estivesse muito bem guardado, “a sete chaves”, e só aqueles que as encontram, podem realizar seus desejos. Arrisco-me a dizer que essas expressões talvez sigam a mesma lógica da lâmpada mágica que ao ser encontrada por determinadas pessoas, oferece a elas o direito de realizar três desejos.

É isso que talvez aproxime um livro de autoajuda de uma obra de conto de fadas: ambos são expressões dos nossos desejos. No entanto, há algo que os diferencia: enquanto o segundo é uma metáfora e como tal auxilia na elaboração de conflitos, o primeiro é apresentado como verdade e em decorrência disso, impõe ao sujeito obrigações impossíveis de serem cumpridas, como por exemplo, encontrar a chave que abre o tesouro da felicidade depende tão somente da habilidade do sujeito.



Como consequência disso, ele passa a nutrir fantasias de onipotência em relação a vida e, assim, acredita na ilusão de que ele pode ter o que quiser, afinal, “querer é poder”. Ilusão esta muito bem definida por Freud (1928) em “O Futuro de uma Ilusão” quando ele afirma que ela não é um erro e o que a caracteriza é a sua derivação dos desejos. Ao mesmo tempo que uma ilusão despreza sua relação com a realidade, ela não pode ser provada, assim como não pode ser refutada.

Como disse no início, é esperado de uma chave que ela abra algo. Alicerçado em discursos motivacionais, normalmente, esse algo se encontra distante de nós. De modo que posso até concordar que o termo “chave” só faz sentido se estiver acompanhado de um complemento, uma fechadura, uma solução. No entanto, não podemos esque-

cer que nem sempre as chaves abrem tesouros, muito pelo contrário, elas podem nos dar acesso a lugares pouco convidativos. Nesse sentido, conhecer a si mesmo é muito mais do que buscar chaves como uma solução mágico onipotente. É, na verdade, a possibilidade de entrar em contato com as nossas próprias ruínas. Freud compara a análise psíquica com o trabalho de um arqueólogo. Em “Etiologia da Histeria (1896)”, ele diz o seguinte: “Imagine-mos que um explorador chega a uma região pouco conhecida onde seu interesse é despertado por uma extensa área de ruínas, com restos de paredes, fragmentos de colunas e lápides com inscrições meio apagadas e ilegíveis. Pode contentar-se em inspecionar o que está visível, em interrogar os habitantes que moram nas imediações — talvez uma população semibárbara — sobre o que a tradição lhes diz a respeito da história e do significado desses resíduos arqueológicos, e em anotar o que eles lhe comunicarem — e então seguir viagem. Mas pode agir de modo diferente. Pode ter levado consigo picaretas, pás e enxadas, e colocar os habitantes para trabalhar com esses instrumentos. Junto com eles, pode partir para as ruínas, remover o lixo e, começando dos resíduos visíveis, descobrir o que está enterrado.”

Dessa forma, melhor do que buscar chaves, é construir ou encontrar os próprios instrumentos que não conduzirão ao tesouro da felicidade, mas possibilitarão a exploração de um tesouro chamado psiquismo.

E se for possível escolher entre o instrumento da autoajuda e do conto de fadas, opto pelo segundo, pois este trabalha a serviço da simbolização.

Afinal de contas, para a realização de um trabalho arqueológico, é necessário que haja as picaretas, as pás e as enxadas que um conto pode nos oferecer e não as ilusões de discursos motivacionais que insistem em encobrir as ruínas do nosso psiquismo.



Jornal  
Psicologia em Foco

# ANUNCIE CONOSCO E APRESENTE SUA MARCA PARA: + DE 20 MIL PESSOAS DIRETAS E INDIRETAMENTE

3 mil cópias do jornal + 10 mil maillings com a sua marca sendo divulgada para a macro região de Maringá/Londrina e pela internet para todo o Brasil. Anuncie no jornal especializado que mais vem crescendo no PARANÁ - torne-se um parceiro nosso e conheça nossos planos de publicidade para jornal e eventos



## Oficina do Saber



**ARIANA P. KRAUSE PIRES**  
é Psicóloga  
Clínica e Es-  
colar (CRP  
08/17743),  
escreve para o  
site [arianakrause.com.br](http://arianakrause.com.br) e é  
membro do JPF

No dia 19 de setembro de 2013 ocorreu a Oficina do Saber com o tema TDAH: Diagnósticos e Tratamentos, a saber: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. A palestra contou com a belíssima participação do psicólogo Marcelo Moreira Khoury.

O palestrante iniciou a apresentação da temática instigando os expectadores com a pergunta: “Como as pessoas enxergam as pessoas com TDAH?” Ele comparou pessoas sem o transtorno que fossem alocadas em uma sala onde só houvessem pessoas extremamente inteligentes, e em seguida a indagação de como sentiriam essas pessoas. Certamente incomodadas e com dificuldades em acompanhar o desempenho das demais. Pois bem, é dessa forma o portador do TDAH se sente em meio à população em geral.

Segundo Khoury, dados da OMS demonstram que 5% da população mundial tem TDAH. Inclusive o próprio Khoury revelou ter o transtorno. Suas explicações acerca do tema visaram teorizar os aspectos que tangem o transtorno e também explicar a diferença entre os graus do mesmo.

Seu ponto chave foi a forma de tratamento



que abrange duas maneiras: o convencional e o neurofeedback. O modo convencional corresponde ao diagnóstico médico baseado no DSM-IV em que enquadra os sintomas no TDAH e regula os níveis de neurotransmissores através de medicação. No caso do neurofeedback, ocorre um treinamento neurológico através de uma touca que estimula o cérebro através de impulsos nervosos a fim de tornar áreas cerebrais mais funcionais. Trata-se de uma terapia nova no Brasil e através

desse tratamento, seria possível desenvolver cura do TDAH. A técnica é uma novidade que Khoury tem experimentado em si, e também propõe utilizá-la em seu consultório.

Por ser algo ainda muito novo, a plateia se viu extremamente motivada e instigada a conhecer a nova técnica. Devido a isso, ao final da palestra Khoury foi bombardeado de perguntas que complementaram as suas brilhantes explicações.



clínica  
**VIVER BEM**  
Saúde Integrada de Maringá

RUA JOAQUIM NABUCO, 452 . 44 3024-0514 . 3031-0513

ODONTOLOGIA  
FISIOTERAPIA  
NUTRIÇÃO  
PILATES  
PSICOLOGIA  
DERMATO FUNCIONAL



Juliana Costa  
de Moraes  
Psicóloga Clínica  
e Neuropsicóloga

Giovana Bertoni  
Psicóloga

Leonardo S. Bianco  
Clínica geral e  
Implantes

Carla de M. Silva  
Pilates

Alexandra S. Fernandes  
Nutricionista



**ARIANA PAULA KRAUSE PIRES**  
é Psicóloga  
Clínica e Escolar  
(CRP 08/17743);  
escreve para o site  
arianakrause.com.  
br e membro do  
Grupo JPF.

## DICA DE FILME

## PÃO E TULIPA

**Gênero: Comédia**  
**Origem: Itália**

Ano: 20000 filme *Pão e Tulipas* é um clássico do cinema que merece ser assistido, caso você ainda não o tenha visto, ou então ser assistido novamente por quem já teve o prazer de desfrutar de sua linda história.

É um filme destinado a corações românticos com uma pitada de comédia italiana. Pela direção de Silvio Soldini a história é sobre Rosalba, uma dona de casa que viaja com sua família de ônibus pela Itália, em excursão. Num restaurante de beira de estrada Rosalba é esquecida, sim, esquecida por sua família e então precisa tomar o rumo de casa por conta própria.

Porém, sem dinheiro e dependendo de carona, resolve mudar o seu destino – literalmente – e vai para Veneza realizar o seu sonho de conhecer a bela cidade. Avisa a família de que está de férias do fogão e dos afazeres da casa, e vai aproveitar alguns dias sozinha. Contudo, ficou sozinha por pouco tempo, pois logo fez novas amizades e conseguiu até um emprego, com um florista.

Tudo seriam flores, se não fosse a perseguição de um detetive contratado por seu marido que queria descobrir o verdadeiro paradeiro dela. Rosalba descobre o que realmente a faz feliz e se vê frente a uma decisão que pode mudar para sempre a sua vida.

*Pão e Tulipas* é um filme envolvente, encantador e apaixonante.



**ROSELANIA FRANCISCONI BORGES.** Psicóloga. Especialista em Saúde Coletiva e Mestre em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP-Assis). Docente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Integrante do GEPHE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Higienismo e o Eugenismo. Dedica-se a pesquisas nas áreas de educação e saúde pública em sua interface com as demais políticas públicas, bem como em sua aproximação com o ideário da higiene mental.

## DICA DE LIVRO

## HOLOCAUSTO BRASILEIRO

Elencar quais foram os melhores livros que já li não é uma tarefa muito fácil. Afinal, foram tantos! Sou leitora por necessidade da profissão e por gosto pessoal. Desde os primeiros anos de escolarização (1973 em diante) já era assídua à biblioteca da escola, quer dizer, minha escola não tinha biblioteca. Havia um ônibus adaptado (talvez por conta de um programa governamental de incentivo à leitura) que estacionava na porta da escola, sei lá quantas vezes ao mês, talvez duas, no máximo. Lia tudo o que era ofertado, desde os contos dos Irmãos Grimm, até os lançamentos da Coleção Vagalume lançada em 1972, a qual fazia grande sucesso na época com títulos como: *Éramos Seis*, *A Ilha Perdida*, *Cem Noites Tapuias*, *Tonico*. Uma indicação atual seria mais uma sugestão, visto que ainda não li o que irei indicar. Esta será, sem dúvida, minha próxima leitura. Li apenas a crítica e só por ela já sei que a irei indicar como leitura obrigatória àqueles que desejam conhecer, de fato, a real história da assistência à saúde mental no Brasil. Trata-se do livro recém-lançado com o título *Holocausto Brasileiro - vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil* (Geração Editorial, 2013) da jornalista Daniela Arbex. Ela retrata a vida e a morte de milhares de internos do maior hospício brasileiro, o Hospital Colônia de Barbacena – MG, inaugurado em 1903. Por ora, pego emprestado o comentário da jornalista Eliane Brum, prefaciadora da obra, a qual relata: “Ao ler *Holocausto Brasileiro - vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil*, é prioritário resistir à tentação de acreditar que essa história acabou. Não acabou. Ainda existem no Brasil instituições que mantêm situações semelhantes às da Colônia, como algumas reportagens têm denunciado – ainda que não de forma maciça como no passado muito, muito recente, e com nomes mais palatáveis do que “hospício” ou “manicômio”. As conquistas produzidas pela luta antimanicomial, que botou fim às situações mais bárbaras, estão hoje sob ameaça de retrocesso. É nesse momento que entramos nós, a sociedade (...) É bom aprender com a história. *Holocausto Brasileiro* é um excelente começo para uma reflexão não apenas sobre o passado, mas sobre o presente. Como afirma Daniela Arbex: “O descaso diante da realidade nos transforma em prisioneiros dela. Ao ignorá-la, nos tornamos cúmplices dos crimes que se repetem diariamente diante de nossos olhos. Enquanto o silêncio acobertar a indiferença, a sociedade continuará avançando em direção ao passado de barbárie. É tempo de escrever uma nova história e de mudar o final” (Revista Época, 03/06/2013). Boa leitura! Boas reflexões!



**Renata Cury**  
maquiagem + definitiva

fone [44] 3233-4124  
celular [44] 9826-8194

rua interventor manuel ribas nº 340 A - mandaguari  
email xrenataxcury@gmail.com

**INTEGRAÇÃO**  
Psicologia & Desenvolvimento de Pessoas

Aspen Trade Center - Av. São Paulo, 1061 - sala 1321 - Maringá - PR

Oficina do Saber  
2013



**INVESTIMENTO**  
**ANTECIPADO - R\$ 20,00 (ESTUDANTES)**  
**R\$ 30,00 (PROFISSIONAIS)**

**NA DATA DO EVENTO - R\$ 30,00 (ESTUDANTES)**  
**R\$ 40,00 (PROFISSIONAIS)**

realização:



Grupo Psicologia em Foco

apoio:



Psicologia em Foco  
ISSN 2178-9096

\*Av. Prudente de Moraes, 633 - Zona 07 Maringá - PR



**INSCRIÇÕES**  
**WWW.GRUPOPSICOLOGIAEMFOCO.COM.BR**

**07/11**

**auditório da PUC**  
campus Maringá\*

**O Acaso em**  
**nossas**  
**Vidas**

**Sincronicidade na obra de JUNG**  
► com **Maria Crislina Recco**

**Faça sua inscrição no site: [www.necpar.com.br](http://www.necpar.com.br)**

**Coordenação: Helen Messias da Silva Guzmán**

**NECPAR promove a 2ª turma do 1º curso lato sensu em Gestalt-Terapia lançada no Paraná!**

**DOCENTES:**

**Dr. Adriano Holanda Furtado - Curitiba-PR**  
**Ms. Andrea Berger - Londrina -PR**  
**Ms. Beatriz Paranhos Cardella - São Paulo-SP**  
**Dr. Ênio de Brito Pinto - São Paulo-SP**  
**Ms. Helen Messias da Silva Guzmán - Maringá-PR**  
**Ms. Hugo Elidio Rodrigues - Rio de Janeiro-RJ**  
**Dr. Karina Okajima Fukumitsu - São Paulo-SP**  
**Ms. Roberto Peres Veras - São Paulo-SP**  
**Ms. Silvia Iwancho - São Paulo-SP**

**Edifício Aspen Park Trade Center**  
**Avenida São Paulo, 1061, Sala 509**  
**Maringá-PR | (44) 3031 7182**



**Inscrições a partir de 14 de outubro de 2013**  
**Início das aulas previsto para março de 2014**

**2ª turma do**  
**1º curso lato sensu**  
**Gestalt-Terapia lançado no Paraná.**



**REVIVER**

**MARIA CRISTINA RECCO**

**ESPECIALISTA EM** **CRP 08/1453**  
**PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**RUA NEO ALVES MARTINS, 3876, SALA 72**

1. "Estudos sobre estrutura e análise dos sonhos, dentro da perspectiva da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung"
2. "Estudos sobre o processo de individuação como processo de desenvolvimento total da personalidade, segundo Carl Gustav Jung"

Para os grupos de estudos serão fornecidos certificados, mediante desenvolvimento e apresentação de monografia.

**INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NO CENTRO DE**  
**ESTUDOS ANALÍTICO E PSICOTERAPIA REVIVER.**

**Contato (44) 3028 4828** em Maringá - Paraná.  
e-mail: [crisrecco@gmail.com](mailto:crisrecco@gmail.com)









